

OS EXERCÍCIOS NA VIDA COTIDIANA DO POVO

Victor Codina

Enfoque do tema

Sabemos que a prática dos Exercícios Espirituais (EE) na vida cotidiana, conforme a 19^a Anotação dos Exercícios de Inácio de Loyola, abriu muitas possibilidades à sua pastoral e permitiu que muitos setores pudessem fazê-los, uma vez que por falta de tempo e de possibilidades econômicas até agora não tinham tido acesso aos mesmos².

Porém, não vou tratar diretamente de como se pode dar os EE na vida cotidiana, segundo a 19^a Anotação, ao povo simples, que, sem dúvida, é um dos setores que mais pode beneficiar-se desta nova práxis pastoral.

Tampouco vou me referir ao tema da presença importante da religiosidade popular no texto inaciano dos EE e suas consequências pastorais. Suponho-o conhecido³.

¹ A 19^a Anotação oferece a possibilidade de se fazer os EE na vida cotidiana aos que não podem distanciar-se nem liberar-se totalmente de suas ocupações. Tais pessoas podem seguir o mesmo método e ritmo dos EE, dilatando o processo e dedicando a cada dia uma hora e meia à oração.

² Remeto às obras, algumas já clássicas, de G. CUSSON, *Conduzi-me pelo caminho da eternidade*. Os Exercícios na vida cotidiana, São Paulo, Loyola, 1976; M. GIULIANI, *A experiência dos Exercícios Espirituais na vida*, São Paulo, Loyola, 1991; F. RIERA, *Ejercicios Espirituales en la vida ordinaria para comunidades de laicos*, Santander, 1990; J. M^a RAMBLA, *Ejercicios en la vida corriente*, Barcelona, 1991.

³ Remeto a meu artigo: *La religiosidad popular en los Ejercicios de San Ignacio*, *Revista Latinoamericana de Teología* 4, n^o 10 (1987) 89-99, que foi publicado também em *Perspectiva Teológica* 19, n^o 49 (1987) 353-365, e em *Christus* (Paris) n^o 158 (1993).

Vou tratar de algo mais elementar, mas, por isso mesmo, mais desafiante e paradoxal. No fundo a idéia surgiu no Congresso Internacional de Exercícios, celebrado em Loyola, em 1991⁴. Sua formulação nua e crua, sem matizes, poderia ser esta: sem fazer os EE, muitas vezes o povo simples vive suas grandes atitudes e experiências. Dito de outro modo, numa formulação de impacto de Jon Sobrino neste mesmo Congresso: três bilhões de pessoas do nosso mundo “são postas com o Filho”, sem jamais ter feito o colóquio das Bandeiras...

Meu propósito é simples, embora um tanto ambicioso: assinalar como, sem pretendê-lo expressamente e sem formulações precisas, as diversas etapas do processo dos EE vão se cumprindo na vida cotidiana do povo.

Indubitavelmente esta afirmação deveria concretizar-se mais. Quando falo de povo, refiro-me ao povo simples, aos setores populares, pobres e normalmente marginalizados da sociedade. Penso concretamente no povo da América Latina, de tradição cristã, e mais particularmente no da Bolívia, de onde escrevo, se bem que creio que algumas destas afirmações sejam extensíveis aos setores populares de outros países e continentes.

Tampouco quero magnificar o povo, fazendo-o, somente pelo fato de sê-lo, portador mítico da espiritualidade cristã, numa espécie de transposição messiânica e eclesiástica do proletariado marxista. Sabemos que, como todos os mortais, o povo tem seus próprios defeitos, vícios e pecados. Desejo somente desvelar o rico filão espiritual que muitas vezes se oculta em meio a tais impurezas. Sem dúvida tudo que diremos é tanto mais verdadeiro quanto mais em profundidade o povo viva sua fé cristã. Muitas das experiências que descreverei em seguida captei-as em contato com as comunidades cristãs de base.

Com isso não pretendo desvalorizar a prática dos Exercícios, nem tirar conclusões prematuras. Num primeiro momento limitar-me-ei simplesmente a constatar e a descrever o fato, ainda que em grandes traços e rápidas pinceladas, para posteriormente refletir sobre o mesmo.

Sem dúvida algumas afirmações poderão parecer demasiado genéricas, ou até mesmo exageradas. Este escrito não é um trabalho de sociologia religiosa, nem de antropologia cultural, mas de proximidade espiritual, uma aproximação de fé junto ao povo para poder ouvi-lo, um desejo de captar a mensagem da parte daqueles a quem foi revelado os mistérios do Reino (Lc 10,21; Mt 11,25).

⁴ Cf. JUAN MANUEL GARCIA LOMAS (org.), *Ejercicios Espirituales y mundo de hoy*. Congreso Internacional de Ejercicios, Loyola 20-26 septiembre 1991, Bilbao-Santander, 1992.

Deve-se ressaltar que quando falamos das etapas dos EE não pressupomos que o povo as viva de forma ordenada, seguindo a cronologia das quatro semanas inacianas. Mas que, ao longo de sua vida, o povo vai experimentando e interiorizando tais vivências espirituais. Nós, porém, para proceder do conhecido ao desconhecido, seguiremos o itinerário dos EE.

Princípio e fundamento

Certamente os setores mais simples apenas entenderiam o Princípio e Fundamento inaciano em sua versão atual (EE 23). E, no entanto, vivem muitas das atitudes que o mesmo pressupõe:

— uma referência constante a Deus, expressa de formas muito simples, desde o fazer o sinal da cruz na rua e cada vez que se passa diante de uma igreja, até a utilização de expressões nas quais se concentra a medula do Princípio e Fundamento: “Se Deus quiser”, “Primeiro, Deus”, “Bendito seja Deus”, “Deus sabe que não minto”, “com a graça de Deus”, “graças a Deus”, “por que me aconteceu isto, meu Deus?”

— esta referência a Deus baliza não somente o dia, mas toda a vida do povo: nascimento, maturidade, trabalho, casamento, vida familiar, festa, doença, morte. Deus preside toda sua vida, com um tipo de presença viva, cálida e que o acompanha ao longo de sua vida; é o Deus de sua vida e da vida, sobretudo no povo ligado às culturas mais aborígenes⁵.

— em todos os momentos, mesmo nos mais duros e conflitivos, o povo não se desespera, não blasfema, não renega, sente-se nas mãos de Deus, confia em sua bondade e providência, percebe-se conduzido por Ele, “mesmo que passe pelo vale tenebroso” (Sl 23,4) da enfermidade, da falta de trabalho, do sofrimento imprevisto, da morte; não negamos que às vezes tal atitude possa levar a certa resignação passiva, porém outras vezes está nutrida de uma verdadeira “indiferença” inaciana face à saúde ou doença, vida longa ou curta, pobreza ou riqueza...(EE 23).

— chama a atenção a atitude constante de ação de graças e de louvor ao Senhor da parte do povo simples, que contrasta com a postura mais suplicante de outros grupos sociais e eclesiais; precisamente porque o povo sente que sua vida é ameaçada, o fato de poder chegar ao fim do dia parece-lhe um milagre de Deus: o povo agradece a Deus pelo dia, pelo trabalho, pelo pão, pela saúde, pela vida, pela família,

⁵ M. MARZAL (org.), *El rostro indio de Dios*, Lima, 1991.

por poder louvá-lo, pela comunidade cristã... Sua vida é como a vasilha de farinha e a jarra de azeite da viúva de Sarepta, que é suficiente apenas para um dia (1 Reis 17,7-16).

— este louvor, sobretudo em alguns setores do povo ligados a culturas originárias, tem uma forte dimensão cósmica e telúrica: agradecimentos à mãe-terra por seus frutos, à água e ao sol, às flores...⁶ — através de tudo isso há uma forte percepção de que a vida é dom sagrado de Deus, que deve ser defendido e conservado, pelo qual se deve lutar; o tema de Ireneu sobre a vida humana como expressão da glória de Deus está muito presente no povo.

Diz-se que o Princípio e Fundamento nos coloca numa situação limite, no ponto zero da existência, onde nos encontramos sozinhos ante nós mesmos e ante o Senhor. Pois bem, o povo vive comumente nesta situação, à beira da existência, entre a vida e a morte. Por isto não é estranho que experimente de forma habitual muitas destas atitudes fundamentais. Sua vida cotidiana o faz viver com frequência estas experiências fundantes que postulamos na meditação do Princípio e Fundamento.

Primeira semana

Não vamos percorrer um por um todos os exercícios da Primeira Semana para mostrar como o povo os vive, mas recolher algumas das atitudes típicas desta etapa.

Já dissemos que não se podia mitificar o povo. O povo é pecador, cai com frequência em pecados graves: infidelidades, violência, abusos, bebedeiras, corrupção, divisões, ódios...

Precisamente por isto o povo tem consciência de seu próprio pecado, sente-se pecador, assume como seus os sentimentos do publicano da parábola evangélica (Lc 18,9-14). Sua atitude raras vezes é a do fariseu. Sente-se indigno, não se atreve a comungar sem ter-se confessado previamente, pois está convencido de que a eucaristia requer uma pureza de vida que ele não possui.

Às vezes este sentimento da própria culpa vai unido ao medo do castigo, com um temor talvez pouco filial. Porém, tampouco é alheio ao sentido de misericórdia e crê que, em última instância, o Senhor, que é bom, o perdoará.

Também para o povo simples, como para Inácio e para os Exercícios (EE 63), a figura de Maria atua como intercessora e mediadora,

⁶ V. CODINA, *Teología simbólica de la tierra*, Colección CLAR, Bogotá, 1993.

mãe de bondade e misericórdia diante de Cristo, o justo Juiz. Certamente para muitos Maria representa o rosto materno de Deus, talvez como consequência de uma evangelização deficiente, que ofereceu uma imagem de Deus ligada ao juízo e ao castigo⁷.

Outras vezes o povo se sente movido a pedir perdão através de ritos penitenciais populares, mais simples e ligados à sua cultura. A cinza do início da quaresma é um rito penitencial bem popular, que ninguém esquece⁸. Também nas culturas aborígenes existem ritos de penitência: subir em colinas carregando pedras pesadas que simbolizam seus pecados, que são lançados logo ao se chegar ao cume; os sacrifícios de lhamas, que recordam o sacrifício do cordeiro pascal. Outras vezes existem ritos comunitários de reconciliação: por exemplo, no matrimônio, onde as famílias e grupos pedem perdão um ao outro e perdoam-se mutuamente. Em algumas ocasiões, por exemplo na semana santa, fazem penitências por seus pecados, carregam cruzes pesadas, arrastam correntes, caminham descalços...

De alguma maneira o povo intui que o pecado tem um efeito pernicioso que ultrapassa a pessoa e contamina a sociedade. Por isto, em muitas comunidades camponesas, diante de uma enfermidade ou do fenômeno da seca, a primeira pergunta consiste em saber quem pecou. e alguns setores mais conscientes se dão conta de que sua pobreza e opressão não são queridas por Deus, mas sim são consequências do pecado social ou estrutural, contra o qual se deve lutar.

O povo não sabe nada do colóquio de misericórdia diante do Crucificado (EE 53), nem dos três colóquios da repetição da meditação sobre os pecados (EE 63). Porém vive continuamente em atitude de vergonha e confusão por seus muitos pecados (EE 48), de arrependimento (EE 55), de gratidão por ter sido deixado com vida e não ter sido castigado por Deus (EE 60).

Segunda semana

O povo não sabe muita coisa a respeito do Reino de Deus, nem do apelo do Rei Eterno, nem da oblação de maior estima e valor (EE 97). Porém intui que Deus quer um mundo melhor, onde haja justiça e fraternidade entre todos. Sua luta pela vida, pelo trabalho, por mora-

⁷ Cf. V. CODINA, Credo popular y credo oficial, *Revista Latinoamericana de Teología* 9, nº 26 (1992) 243-253, publicado também em *Perspectiva Teológica* 22, nº 58 (1990) 339-350.

⁸ V. CODINA, Sacramentales, sacramentos de los pobres, *Revista Latinoamericana de Teología* 7, nº 20 (1990) 207-219, publicado também em *Perspectiva Teológica* 22, nº 56 (1990) 55-68.

dia digna, pela saúde e educação, pelos direitos humanos, é uma luta pelos valores do Reino. A solidariedade e o sentimento de comunidade são valores do Reino, profundamente arraigados no povo. Muitas de suas atitudes não estão longe do Reino de Deus.

Há grupos cristãos que começam a ler a Palavra de Deus e a saborear o evangelho, e às vezes o fazem apesar da dificuldade de leitura. Através desta leitura popular da Bíblia, vão adquirindo conhecimento interno, amor e desejos de seguir o Senhor (EE 104) na vida de cada dia.

Porém, para a grande maioria do povo, o conhecimento e seguimento do Senhor encarnado ocorre ao longo das festas dos mistérios da vida de Cristo que a Igreja celebra a cada ano, como já observou Santo Tomás⁹.

Por ocasião do Natal o povo entoa cantilenas, dança, adora o Menino, monta presépios, faz encenações da busca de hospedagem por parte de José e de Maria (as pousadas mexicanas), celebra sua novena com orações especiais inclusive na rua e nos comércios, reparte doces e brinquedos para as crianças, visita os anciãos, reúne-se em família... Na Bolívia, no início do Natal, as famílias levam a imagem do Menino Jesus à Igreja, para que, após ter sido benta, seja venerada em casa durante esta festividade. Por ocasião dos Reis, levam novamente a imagem ao templo, antes de guardá-la até o ano seguinte. Ninguém o obriga a isto: a cada ano o povo se lembra do que deve fazer para cumprir sua tradição.

Apesar do impacto do consumismo moderno, o povo pobre é o que mais se alegra pelo Natal, intuindo que não obstante os ricos terem tentado seqüestrar esta festa, ela é a festa dos pequenos e pobres. Um poema de um menino de uma comunidade camponesa de Puno, no Peru, exprime bem esta relação entre o Natal e os pobres:

Nasceu o menino
já há alegria
porque nasceu,
tudo mudará.

À luz já saem
todas as pessoas
presos e enfermos
e não sofrerão

Já serão unidos
todos os irmãos
nem o custo de vida
já nos matará

⁹ "de quibus ecclesia festa facit", *De veritate* q 14 a 11.

O lobo já não come
a ovelhinha
nem a cobra pica
em todo o mundo há paz.

De um tronco seco
sairá um ramo
e nós também
já damos fruto.

O menino nasceu
Glória a Jesus
nasceu pobre
como uma luz¹⁰.

As festas de Maria, em suas diversas invocações populares, com rosto e geografia própria, alimentam a devoção à Mãe de Jesus. E embora muitas vezes se mescle com atitudes milagreiras ou supersticiosas, mantém em muitos uma devoção simples e cheia de confiança. Através de Maria percebem-se atitudes evangélicas como a fé, a entrega ao Senhor, a disponibilidade, a confiança, o serviço aos outros...

Também as festas dos santos, dos padroeiros populares estão muito arraigadas na fé dos simples. Às vezes sua hierarquia não coincide com a oficial: em alguns lugares São Silvestre ou São Judas Tadeu ocupam um lugar que não corresponde exatamente ao da liturgia. Através dos santos há uma certa compreensão das atitudes do amor e do seguimento. São o equivalente popular das vidas dos santos ou da Imitação de Cristo, que Inácio recomenda para a Segunda Semana dos Exercícios (EE 100).

O povo nada sabe sobre as Duas Bandeiras (EE 136-147), nem sobre os Três Graus de Humildade (EE 165-167). No entanto, foi eleito e recebido não somente em pobreza espiritual, mas em pobreza atual, passando por toda espécie de opróbrios e vitupérios (EE 147). Há uma identificação ontológica e existencial com a bandeira de Cristo, com seu caminho de pobreza e humilhação, com o Cristo pobre (EE 167). Foi "posto com o Filho", na forte expressão da mística inaciana.

E esta eleição, mesmo que a grande maioria não o saiba nem tenha apreço, não deixa de produzir frutos do Reino de Deus, já que o Reino se anuncia aos pobres (Lc 4,18; 7,22) e deles é o Reino (Mt 5,3; Lc 6,20). Os mistérios do Reino de Deus foram revelados aos pobres e pequenos (Lc 10,21; Mt 11,25).

Em que se traduz esta eleição? Não parece estar em contradição com tantos pecados do povo, com tanta ignorância e cegueira?

¹⁰ D. IRARRAZAVAL, *Navidad en la tradición del pobre*, in —, *Rito y pensar cristiano*, Lima, 1993, 58.

O povo não conhece as regras iniciais para discernir os espíritos, nem as normas e métodos sobre as eleições. No entanto, o fato de estar posto com o Filho e ter sido recebido sob sua bandeira lhe dá uma conaturalidade com os valores do Reino muito maior que a dos ricos e poderosos deste mundo, por mais que muitos deles tenham mais formação religiosa e sejam mais praticantes.

Existe uma sabedoria popular e uma profunda intuição cristã que leva a opções importantes e às vezes difíceis, que demonstram um grande sentido evangélico: acolher crianças sem lar em uma família já numerosa, cuidar de enfermos e anciãos durante anos com dedicação sacrificada, receber o que vem de fora em busca de trabalho, compartilhar o que se tem com os mais necessitados, organizar-se para defender seus direitos, protestar contra as injustiças, a solidariedade com os companheiros de trabalho, a organização popular, os painéis comunitários, esconder o perseguido... E sobretudo a capacidade de resistir e agüentar.

Não é exagero dizer que dentre o povo as mais pobres, as mais humilhadas e sofridas são as mulheres. Muitas vezes, porém, elas são as que vivem e encarnam de maneira mais forte os valores evangélicos. Não ocorreu algo semelhante com as mulheres de Israel?

A partir desta postura existencial de configuração com a bandeira de Jesus, compreende-se melhor o evangelho, há uma simpatia e empatia com a vida de Jesus, de Maria e dos santos, vive-se uma crítica permanente à bandeira de Lúcifer, enquanto se experimenta seus efeitos negativos em sua própria carne.

Com isto não queremos negar que haja muita gente do povo que tenha introjetado a bandeira do mau caudilho e aspire a seus valores: ter, possuir, brilhar, triunfar na vida, desfrutar a vida. Ou que viva a bandeira de Jesus com uma resignação que nada tem de cristão. Porém, é inegável que continuamente o povo nos surpreende com suas atitudes de grande profundidade evangélica.

Gostaria de terminar esta parte com o relato de um fato engraçado ocorrido recentemente numa comunidade de base. Líamos e comentávamos a parábola de Lc 11,5-13 sobre o homem que, assim como seus filhos, já está deitado, e cujo amigo vem a sua casa, à meia-noite, para pedir-lhe ajuda; tal homem levanta-se e abre a porta ao amigo, para que este não continue importunando-o. Um homem da comunidade disse que não compreendia esta parábola, porque se ele estivesse em sua casa e alguém o chamasse, ainda que fosse meia-noite e já estivesse na cama, levantar-se-ia para abrir-lhe a porta e atendê-lo.

Terceira semana

Se há uma semana na qual o povo vive de forma contínua, esta é a Terceira. O povo está permanentemente em tempo de paixão.

Não pede dor com Cristo doloroso, nem angústia com Cristo angustiado (EE 203), nem considera como a divindade se esconde (EE 196). Ele vive em sua própria carne a paixão do Senhor e o silêncio de Deus.

Basta aproximar-se do povo latino-americano para contemplar sua paixão. Sofrimentos físicos e morais, fome, desnutrição, falta de moradia digna, falta de água e serviços higiênicos, falta de trabalho, falta de atenção médica e sanitária em suas enfermidades, nudez, marginalização social por causa da cor e da cultura, humilhações contínuas, violações de seus direitos humanos, sofrimentos causados pela prepotência dos poderosos, abusos por parte dos agentes da ordem pública, violações da lei, detenções, vexações nas delegacias de polícia, torturas, assassinatos, falta de justiça nos tribunais... Tanto o Documento de Puebla (31-39) como o de Santo Domingo (176-179) nos descrevem os rostos humilhados de crianças, velhos, jovens, camponeses, índios... nos quais o crucificado torna-se presente.

É o mistério do Servo de Javé que sofre. O povo é este Servo que cresce sem beleza, como um leproso, humilhado, desprezado, homem das dores, triturado, que carrega nosso pecado, como ovelha ao matadouro, cujas chagas nos curaram (Is 53,1-6). Este Servo que, afinal de contas, não fala nem profetiza, mas que se cala, sofre, suporta, emudece, e, no entanto, ilumina e tem futuro (Is 53,7-22)¹¹.

Existe uma reflexão latino-americana sobre o Servo de Javé identificado com o povo pobre e sofredor¹².

Na América Latina, porém, esta identificação do povo com o Cristo padecente chegou ao auge no martírio. O povo não apenas sofre, mas é crucificado, martirizado. Ellacuría escreveu sobre o povo crucificado¹³ e coube justo a ele participar do mistério da morte de Jesus. A teologia da libertação converteu-se numa teologia do martírio¹⁴.

¹¹ DOLORES ALEIXANDRE, *Sus heridas nos curaron*, *Sal Terrae* 81, nº 954 (1993) 125-137. O número inteiro está dedicado a este tema.

¹² C. MESTERS, *La misión del pueblo que sufre*, CLAR, Bogotá, 1983; L. BOFF, *Pasión de Cristo, pasión del mundo*, Bogotá, 1978.

¹³ I. ELLACURIA, *El pueblo crucificado*. Ensayo de cristología histórica, in *Cruz y resurrección*, México, 1978, 49-82, retomado posteriormente em *Mysterium Liberationis* II, Madrid, 1990, 189-217.

¹⁴ J. SOBRINO, *De una teología de la liberación a una teología del martirio*, in *Cambio social y pensamiento cristiano en América Latina*, Madrid, 1993, 101-121.

Muitos desses mártires não são mártires da Igreja, nem morreram por causa da defesa de seus dogmas (a eucaristia, o primado de Pedro...), mas são mártires do povo, da humanidade, do Reino, mártires muitas vezes passivos, numa santidade primária e fundamental, como o puderam ser os mártires inocentes que morreram assassinados por Herodes¹⁵.

É a conseqüência lógica e evangélica de terem sido postos com o Filho, é o preço da identificação ontológica e existencial com Cristo pobre: perseguição, ultraje, martírio.

O povo vive tudo isso de forma mais reflexa nas festas da cruz e sobretudo na quaresma, assistindo a via-sacra, carregando a cruz, participando das procissões da semana santa, subindo nos morros da cruz, contemplando em silêncio e com grande devoção a cerimônia do descendimento da cruz, que em muitos lugares se representa na sexta-feira santa¹⁶.

Às vezes, os que não sofremos como o povo, podemos ter a impressão de que o povo fez da cruz o centro de sua vida e que não chegou à fé pascal. Indubitavelmente tal postura às vezes pode derivar em resignação passiva, dolorismo masoquista. Porém comumente o povo não acode à cruz para ficar nisso, mas para poder vencê-la e superá-la, para poder sobreviver.

O povo volta-se para a cruz para conseguir forças para suportar sua própria cruz e as "passividades".

A Terceira Semana nos EE confirma e dá força para levar adiante a eleição. O povo recebe força em sua terceira semana da paixão para poder seguir adiante no lugar onde o Senhor o colocou e o elegeu.

E, misteriosamente, este povo pobre, simples, pecador, que sofre sem culpa própria os pecados dos outros, nossos pecados, converteu-se, como o Servo de Javé, em fonte de luz e de salvação para toda a humanidade.

A Virgem das Dores acompanha o povo em sua dor, e o povo a acompanha nos passos de sua paixão. As mulheres do povo, como a Virgem das Dores, suportam e lutam até o heroísmo: greves de fome de mulheres mineiras, passeatas de mulheres grávidas em defesa de suas terras, mulheres indígenas que se organizam mesmo sabendo que correm perigo... A figura de Rigoberta Menchú pode ser um símbolo destas mulheres sofridas do povo¹⁷.

¹⁵ Ibid., 113-114.

¹⁶ F. DAMEN, E. JUDD ZANON, *Cristo crucificado en los pueblos de América Latina*. Antología de la religión popular, Cusco-Quito, 1992.

¹⁷ V. CODINA, Rigoberta Menchú: Crucé la frontera, *Cuarto Intermedio* nº 28 (1993) 25-43.

Quarta semana

Poderia parecer que o povo vive tão intensamente a Terceira Semana que não chega à Quarta. Parece que permanece nos infernos da solidão e da morte, e que não sai deles.

Certamente não se pede alegria e gozo de tanta alegria e gozo do Senhor ressuscitado (EE 221). No entanto o povo intui que a cruz não é a última palavra, nem que o verdugo vence definitivamente a vítima. Há uma fé firme, que espera contra toda esperança. Sempre sonha com um amanhã melhor, espera que Deus não vai abandoná-lo, não o pode abandonar, que um dia a justiça de Deus triunfará finalmente.

É em suas festas que o povo vive a alegria pascal, a vitória da justiça sobre a injustiça, da vida sobre a morte. Suas festas são uma antecipação da utopia do Reino.

Na festa há abundância, partilha, alegria, calor, música e dança, crítica implícita da sociedade atual, onde reina apenas a mentira e a desigualdade. A festa é um sinal da terra sem males para a qual caminha em meio a tanta dor.

Certamente a dimensão mais estritamente pascal, eclesial e sacramental permanece muitas vezes pouco explícita, muito latente, porém não está ausente. Desta fonte última o povo haure força, paciência, esperança. Sem o saber, recebe a luz e a segurança de que está no lugar certo, com os de baixo, não com os vencedores do turno, que oprimem seus irmãos.

Esta alegria pascal se manifesta em forma de comunhão solidária também com os mortos, em forma de comunhão dos santos. E nas celebrações sacramentais dos sacramentos das quatro estações da vida (batismo, primeira comunhão, matrimônio e exéquias), o povo participa do mistério pascal e vive sua pertença eclesial. Sem nada saber das Regras para sentir com e em Igreja (352-370), o povo respeita o Papa, os bispos, os sacerdotes e religiosas, chamadas carinhosamente de "irmãzinhas".

Certamente o Espírito acompanha o caminhar do povo em todo este percurso vital. E sem nada conhecer da Contemplação para alcançar amor (EE 231-237) nem dos Três modos de orar (EE 238-260), o povo, que intui que o amor consiste mais em obras do que em palavras (EE 230), reza, encontra Deus com facilidade na vida de cada dia, e vive agradecido e confiado em Deus, esperando sempre um amanhã melhor para seus filhos. A virtude da esperança, a menor das virtudes teológicas, porém a que mais agrada a Deus, segundo Péguy, certamente não falta ao povo. Esta alegria e confiança somente pode brotar da ressurreição do Senhor.

Reflexões finais

Que lições podemos tirar de tudo o que foi exposto até agora?

1. Em primeiro lugar, não se deve estranhar que haja convergência entre a vida cristã do povo simples e o processo dos EE, dado que estes são como que um concentrado da vida cristã, seguindo o caminho do Jesus histórico até a Páscoa. A novidade baseia-se na tomada de consciência desta realidade.

2. Diz-se que a 19ª Anotação confere aos EE um tom de realismo devido ao confronto diário com a vida cotidiana, que evita o risco do irreal, sempre possível numa experiência espiritual à margem da vida habitual. Os EE vividos na vida cotidiana pelo povo também dão aos EE um toque de realismo e veracidade.

3. Causa-nos admiração constatar a riqueza da vida cristã do povo pobre, fruto sem dúvida da conaturalidade entre os pobres e os valores do Reino. A identificação ontológica e existencial entre os pobres e o Jesus histórico confere à sua vida uma densidade evangélica especial, prescindindo de suas limitações morais pessoais. O pobre continua sendo um lugar teológico e espiritual privilegiado para se viver e captar o evangelho do Reino. A bem-aventurança bíblica dos pobres continua em vigor. Os pobres são ponto de referência obrigatório para a vida e espiritualidade cristãs e um critério para todo discernimento cristão.

Esta riqueza da vida cristã do povo muitas vezes contrasta com a mediocridade de tantos cristãos não populares que fazemos os EE com frequência e não passamos dos bons desejos, nem conseguimos realmente que os valores do Reino impregnem nossa vida pessoal e social.

4. Existe uma nítida prioridade da vida, da história, da realidade, sobre o texto, a reflexão, o método, o exercício e a teoria. Na formulação de Carlos Mesters, o "pre-texto" (a vida) antecede o próprio "texto". Isto obriga a desmitificar os próprios EE e a assumi-los com modéstia, conscientes de seus limites e virtudes.

Seria ridículo pensar que somente os que têm acesso a uma formação, reflexão e experiência sistemática sobre a vida espiritual é que podem chegar à plenitude desta vida. É necessário fazer uma crítica contra toda forma de elitismo espiritual. A vida comum do povo proíbe-nos qualquer absolutização de métodos, escolas e meios de espiritualidade. Os últimos são os primeiros, as prostitutas e publicanos precedem os fariseus no Reino (Mt 21,28-32).

5. Isto não significa que os EE sejam inúteis e que não possam ajudar-nos a aprofundar, purificar e clarificar muitas das vivências espirituais cristãs. Eles podem ser um bom meio para isso.

Também para o povo cristão simples os EE podem ser uma grande ajuda para poder viver a “pobreza com Espírito”. As constantes ambigüidades que fomos assinalando na vida do povo necessitam uma clarificação contínua. Sem um processo de personalização e aprofundamento pessoal o próprio povo degenera num mito abstrato e coletivo.

Neste sentido os EE conforme a 19ª Anotação podem ser um meio privilegiado para que o povo simples, sem ter que deixar seu trabalho, nem sua família, possa aprofundar sua experiência do mistério pascal, aprenda a discernir os sinais dos tempos e encontre a vontade de Deus.

Também aqui, contra qualquer forma de elitismo aristocrático, deve-se afirmar que nos setores populares se pode encontrar pessoas de muito “subjecto” para fazer os EE, e que, de fato, muitos o fazem com grande proveito.

6. Por isso, se não queremos que os EE fiquem desvinculados da ação do Espírito, os mesmos deverão referir-se continuamente à vida do povo. O povo não somente é capaz de fazer os EE em profundidade, mas ajuda à prática e teoria dos mesmos. A partir do povo pobre compreende-se melhor a vida de Jesus e o sentido da espiritualidade cristã. A vida do povo anterior ao texto dos EE ajuda à compreensão dos próprios EE. O “pre-texto” não só antecede cronologicamente o “texto”, como também ajuda a melhor compreendê-lo.

Por exemplo, a Terceira Semana não poderá ser entendida corretamente à margem da paixão do povo: a partir dos crucificados compreende-se melhor o Crucificado. A história ajuda a compreender a cristologia. A Primeira Semana não pode ser vivida sem a consideração das conseqüências do pecado pessoal e social que o povo sofre. O sentido de esperança e de festa do povo ajuda a compreender “sub contrario” o que é o Reino e o que significa ser posto com o Filho, sob sua bandeira. Nossa fé se ilumina a partir da fé do povo, nossa sabedoria carnal com sua sabedoria humana e cristã.

O povo confere aos EE uma densidade humana e cristã que evita o risco de evasão espiritualista. Num mundo onde três quartos da humanidade passa fome, as regras para ordenar-se na alimentação (EE 210-217) e para distribuir esmolas (EE 337-344) devem ser profundamente reinterpretadas a partir de uma perspectiva social nova.

A eleição, inclusive a de estado de vida, pode encontrar uma luz profunda a partir desta ótica. A doutrina inaciana do discernimento abre-se assim a uma dimensão histórica e social, sem a qual o discernimento ficaria enclausurado na pura subjetividade. No fundo, a consolação não é somente minha alegria e minha paz pessoal, mas tudo aquilo que traga verdadeira alegria ao povo pobre e pequeno, é a

alegria e a paz messiânicas anunciadas pelos anjos aos pastores (Lc 2,8-18). O fruto último dos EE há de ser, em última instância, aumentar o júbilo e a alegria do povo.

7. Deste modo conclui-se o círculo hermenêutico entre o texto e sua interpretação, entre o povo e o texto dos EE. Inácio espelhou nos EE suas experiências de leigo batizado, de cristão popular, ainda que iluminadas pelas graças místicas pessoais de Loyola e Manresa. Grande parte de sua piedade Inácio a recebeu do povo. É lógico agora devolver ao povo o que nasceu dele, e enriquecer-se com as contribuições do povo de hoje. Há uma mútua circularidade: a vida do povo ajuda a compreender os EE e estes ajudam o povo. Deve-se devolver os EE ao povo e integrar o popular nos EE.

8. Se os Exercícios se chamam espirituais, é porque o Espírito atua neles, embora Inácio tema falar do Espírito por medo de ser considerado um alumbrado ou quietista. Porém o Espírito não ficou cristalizado num texto, mas continua atuando na história da Igreja e do mundo. Os EE são um texto "aberto". A hermenêutica do texto deve ser feita à luz do Espírito, e para isto o povo pobre é um lugar privilegiado. Do povo crucificado brota uma luz que ilumina a todos. Deste modo os EE transbordam o mundo eclesiástico, e inclusive eclesial, e se abrem a uma história onde o Reino está presente de formas ocultas e variadas.

Pedir ser postos com o Filho e ser recebidos sob a bandeira de Jesus significa hoje pedir ser postos com o povo pobre e crucificado. Para ajudá-lo a descer da cruz. Para que tenha vida em abundância (Jo 10,10).

Tradução: Danilo Mondoni.

Víctor Codina S.J. é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Durante 18 anos foi catedrático de Teologia Espiritual e dogmática na Faculdade de Teologia de Barcelona (Espanha). Desde 1982 reside na Bolívia. Trabalha na formação teológica de leigos e clero. Entre suas obras, destacam-se: *Vida Religiosa: história e teologia* (juntamente com Noé Zevallos) (Petrópolis: Vozes, 1987); *Sacramentos de iniciação: água e Espírito de Liberdade* (juntamente com D. Irrarázaval) (Petrópolis: Vozes, 1988); *Parábolas de la mina y lago: teología desde la noche oscura* (Salamanca: Sigueme, 1990); *Para comprender la eclesiología desde América Latina* (Estela, Navarro: Verbo divino, 1990).

Endereço: Casilia 319 — Santa Cruz de la Sierra - Bolívia